

**Operadora:**

Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul – Banrisul, para discussão dos resultados referentes ao 1T09. Estão presentes hoje conosco os senhores Ricardo Hingel, Diretor Financeiro e de Relações com Investidores; Luiz Carlos Morlin, Superintendente Executivo, Unidade de Contabilidade; e Alexandre Ponzi, Gerente Executivo da Área de Relações com Investidores.

Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Companhia, e, em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas exclusivamente para analistas e investidores, quando maiores instruções serão fornecidas. Este evento também estará sendo transmitido pela Internet, no site [www.banrisul.com.br/ri](http://www.banrisul.com.br/ri).

Caso algum dos senhores necessite de assistência durante a conferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando \*0. O replay deste evento estará disponível logo após seu encerramento, por um período de sete dias.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banrisul, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer.

Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro do Banrisul e podem conduzir a resultados que diferem materialmente daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaríamos de passar a palavra ao Sr. Ricardo Hingel, Diretor Financeiro e de Relações com Investidores, que dará início à apresentação. Por favor, Sr. Ricardo, pode prosseguir.

**Ricardo Hingel:**

Bom dia a todos. É uma satisfação nossa estarmos realizando mais essa *conference call*. A idéia é já de imediato passarmos à leitura e à apresentação e comentários nossos com relação aos principais números e dados relativos ao 1T desse ano. E, logo a seguir, nós então estaremos à disposição para eventuais perguntas e respostas que os analistas presentes queiram fazer.

Eu vou pedir para o Alexandre Ponzi, o nosso Gerente de RI, faça essa primeira apresentação e eu retorno na sequência.

**Alexandre Ponzi:**

Continuando, vamos passar direto para os slides dois e três onde temos a evolução do lucro líquido acumulado todo recorrente e do PL do Banrisul, bem como a rentabilidade anualizada sobre o PL no 1T.

O lucro líquido de R\$106,5 milhões é 11,9% inferior do 1T do ano passado e 38% menor que o do resultado gerado em dezembro de 2008. A redução está em função de um maior volume de provisões para operações de crédito.

O PL alcançou R\$3,1 bilhões em março de 2009, crescendo 11,3% em relação a março de 2008 e de 1,9% sobre dezembro do ano passado. A evolução do PL nos 12 meses e no trimestre tem como origem a incorporação dos resultados gerados, deduzidos do pagamento de dividendos e de juros sobre o capital próprio.

A rentabilidade sobre o PL médio, 14,4% ao ano, reflete a elevação da inadimplência causada pela crise que atingiu os mercados financeiros. Mas enfatizamos que a estrutura patrimonial demonstra a solidez do Banco pela proporção do PL em relação ao ativo total de 11,8% ao final do trimestre em relação aos 12,2% registrados em dezembro e 13% registrados em março do ano passado.

O slide quatro apresenta os ativos totais consolidados com saldo de R\$26,5 bilhões ao final do trimestre, variação anual de 22,5%. Em 12 meses, o crescimento tem origem em R\$3,9 bilhões em depósitos e fundo de reservas judiciais, e sua composição ressalta a expansão de R\$6,3 bilhões nas operações de crédito e de tesouraria. Crédito correspondente a 44,7% dos ativos e tesouraria a 44,4%, respectivamente. O desempenho recente dos ativos recentes reflete a priorização de operações de tesouraria em função da desaceleração da demanda por crédito e da maior seletividade na concessão de financiamentos, em um cenário de ampliação do risco.

No slide cinco, vemos que a carteira de TVM somou R\$9,1 bilhões, 43,9% acima da posição registrada em março do ano passado, e 6,4% acima de dezembro do ano passado. A elevação do ano ao ano provém do aumento da captação de depósitos, da expansão do fundo de reserva de depósitos judiciais e, também, da liberação de recursos vinculados em depósitos compulsórios no Banco Central. A desaceleração da demanda por crédito e a seletividade na oferta, mencionados já anteriormente, contribuíram para o aumento da participação relativa dos recursos em tesouraria em relação ao total dos ativos.

No slide seis destacamos as disponibilidades consolidadas do Banrisul, que representam quase 50% dos ativos e demonstram mais uma vez a solidez e capacidade de sustentação do crescimento de carteiras de crédito.

A política de tesouraria não se alterou no período, sendo as disponibilidades aplicadas em papéis federais todas indexadas à taxa Selic, em LFTs, ou em operações compromissadas com lastro em papéis federais; não há exposição em câmbio, operações de swap ou derivativos.

Nos slides de sete a dez, nós temos as operações de crédito a abertura por rede, bem como o saldo da provisão para perdas de operações de crédito. Com saldo de R\$11,8 bilhões em março, operações de crédito apresentaram variação positiva de quase 34% sobre março de 2008 e 3,3% acima de dezembro do ano passado. O crescimento decorre da expansão da carteira comercial que é responsável por quase 77% do incremento anual e 83% do incremento trimestral registrado. A carteira de crédito representa hoje 44,6% dos ativos totais.

Na classificação da carteira de crédito por risco, demonstramos a estabilidade na composição, porém refletimos a elevação da inadimplência. As operações de risco normais, em março, correspondiam a 84,6% da carteira contra 84% em março do ano passado. Risco 1 compõem 12,2% da carteira ao final do trimestre, 13,1% no ano passado, e as operações de Risco 2, o nível H, 3,2% da carteira em março desse ano, com um crescimento ante os 2,8% em março do ano passado.

Com esse aumento de inadimplência exigimos o provisionamento de R\$150,1 milhões no 1T09. Por culpa disso, e também por reflexo do crescimento de quase 34% da carteira de crédito, o índice de provisionamento alcançou 9,1% em março, 0,9 abaixo do indicador alcançado em março de 2008, e razoáveis 0,6% acima do indicador de dezembro.

O crescimento das operações de crédito decorre sim da expansão da carteira comercial, nos slides 11 e 12, por favor, responsáveis por 76% do incremento de R\$2,9 bilhões verificado nos últimos 12 meses, com evolução de 34,8% no ano. A carteira comercial no trimestre cresceu 3,5%, basicamente no segmento de pessoa física, que variou 33,9% sobre março de 2008 e 8,2% sobre dezembro do ano passado. O segmento pessoa jurídica apresentou crescimento de 35,6% em 12 meses e queda de 0,6% no último mês, principais linhas, o crédito consignado e o capital de giro.

O crédito consignado compõe 70% da carteira de crédito comercial pessoa física, e é o principal instrumento de financiamento ao consumo, em uma conjuntura de elevação de risco, tendo crescido 33,5% em 12 meses e 5,3% nos últimos três meses. Por sua vez, o crédito consignado adquirido avançou 104,1% em relação a março de 2008 e 15,5% em relação a dezembro do ano passado.

As operações de capital de giro representam para nós a modalidade de maior relevância no saldo total das operações, compondo 64% da carteira de crédito comercial PJ e 33% da carteira de crédito comercial, cresceram 50% em 12 meses e de 1,8% em relação a dezembro do ano passado.

Os índices de inadimplência, atraso e de cobertura do Banco estão refletidos nos slides de 13 a 15. O Índice de inadimplência elevou-se no trimestre confirmando as expectativas de aprofundamento da desaceleração econômica e atingiram 4%, ainda assim inferior ao registrado pelo Banco nos últimos cinco anos. A política de administração de riscos, focada na alavancagem de carteiras de menor risco, mostra-se adequada dados os níveis aceitáveis de inadimplência há mais de 60 dias em comparação com o total da carteira de crédito. O índice de atraso em março foi de 2,99%, quase 3%, indicador 0,21 p.p. abaixo do registrado em março do ano passado.

Contudo, ainda que inadimplência e o atraso tenham se elevado, o índice de cobertura, percentual entre provisão para perdas de créditos e o saldo das operações vencidas há mais de 60 dias de 228% reflete a capacidade de suportar a inadimplência com as provisões atuais.

Os recursos captados para suportar as operações de crédito e tesouraria do Banco, além de formar as disponibilidades de caixa estão demonstrados nos slides de 16 a 20, nele incluindo o custo de captação. Recursos captados e administrados somaram R\$19,4 bilhões ao final de março, volume 10,2% acima do registrado no mesmo período do ano passado. Na comparação contra dezembro de 2008, a captação cresceu 1,9%.

O aumento nesses 12 meses provém da expansão dos depósitos a prazo, 83% do incremento registrado no período. Nos últimos três meses, os depósitos a prazo e os recursos administrados agregaram R\$799 milhões ao volume total de captação.

O custo médio da captação em percentual da taxa Selic apresentou ligeira elevação, passando de 75,4% no 1T08 para 76,1% no 1T09, refletindo a elevação da representatividade dos depósitos a prazo no volume dos recursos captados.

O custo dos depósitos a prazo por sua vez se amplia, passando de 90,9% em março do ano passado para 91,9% neste período em comparação à taxa Selic, refletindo-se na taxa média dos depósitos a prazo, que passa de 2,38% em março de 2008 para 2,67% em março desse ano, face às necessidades de *funding* observada sobretudo no 4T do ano passado, quando a captação no sistema financeiro em geral tornou-se mais cara.

As despesas de captação somaram R\$374 milhões em março de 2009, aproximadamente 30% acima de março 2008 e 11% abaixo de dezembro do ano passado. O volume de despesas observado na variação anual é fruto do incremento na captação de depósitos remunerados e da manutenção de elevado volume de recursos captados em mercado aberto, além do efeito da elevação da taxa básica de juros. No último trimestre, o menor montante de despesas decorre da queda da taxa básica.

Nos slides 21 a 23, receitas de operações de crédito, a abertura das operações de crédito de pessoa física e jurídica e as taxas médias praticadas pelo Banrisul. Em março deste ano, as receitas de operações de crédito somaram R\$710 milhões, 48,2% acima de março do ano passado e 0,9% abaixo do período de dezembro do ano passado. Em 12 meses, o aumento na receita de crédito reflete o crescimento do volume de operações e o aumento das taxas. Na comparação trimestral, a redução da receita reflete a desaceleração do crescimento do crédito.

O crédito comercial no 1T desse ano responde por quase 90% da carteira de crédito total, 85% em março do ano passado. Do montante de R\$639,5 milhões em receitas do crédito comercial, aproximadamente 60% são geradas em operações com pessoas físicas.

As taxas de crédito efetivas são afetadas pelo movimento do juro básico, pelo prazo de giro médio da carteira e pela composição entre operações pré e pós-fixadas. As taxas efetivas apresentam elevação em 12 meses, passando de 3,1% para 3,26% na pessoa física e de 1,65% para 1,93% na pessoa jurídica. A trajetória de elevação se manteve durante o 1T desse ano face ao componente de risco, em que pese a redução da Selic.

As receitas de títulos e valores imobiliários, no slide 24, somando R\$308 milhões no trimestre, estão 51,3% acima do contabilizado em março do ano passado sofrendo uma queda de 7,2% em relação a dezembro também do ano passado. Movimento esse afetado em 12 meses pela elevação da taxa Selic e pelo aumento do volume de recursos em tesouraria. A redução das receitas de tesouraria no último trimestre, apesar do aumento no volume aplicado, provém da redução da Taxa Selic nominal em 2,5 p.p. em relação ao nível alcançado ao final de 2008.

A margem financeira, no slide 25, foi 39,3% acima do 1T08 e 6,2% maior do que dezembro de 2008. Contribuíram para o aumento da margem, anualmente as receitas de crédito, pelo crescimento da carteira e de tesouraria pela elevação da Selic. Em relação a dezembro, o aumento é explicado pela maior velocidade de redução das despesas com captação, quando a Selic diminui, em relação à redução da receita de crédito, em resposta ao mesmo evento.

A margem financeira líquida atinge 10,5%, conforme visto no slide 26, com base nos saldos médios entre ativos e passivos, tendo evoluído 100 p.b. sobre março de 2008 e 0,2 p.p. sobre dezembro de 2008.

As receitas de prestação de serviço, no slide 27, apresentaram um saldo de R\$142,2 milhões em março desse ano, reduziram-se 0,7% em relação a março de 2008, e crescendo 2,6% em relação a dezembro do ano passado. A redução verificada na comparação com os períodos decorre da nova sistemática de cobrança de tarifas exigida pelo Banco Central a partir de maio de 2008, a redução verificada na comparação anual. A elevação das receitas de serviços comparativamente ao 4T08 provém do maior volume de tarifas associadas ao Banricompras e aos serviços vinculados às pessoas físicas e jurídicas.

No 1T09, as despesas administrativas, conforme o slide 28, somaram R\$379 milhões, 14% acima de março do ano passado e 0,7% inferiores a dezembro de 2008. As despesas com pessoal, aproximadamente 57% das despesas administrativas totais, aumentaram 10,8% em relação a março do ano passado em função do reajuste salarial concedido em dezembro, uma elevação média de 9% em proventos e encargos. A redução no trimestre é efeito da sazonalidade em função da concentração de férias no início do ano.

Outras despesas administrativas elevaram-se 19% na comparação anual, pelo incremento em despesas de processamento de dados e telecomunicações, sobretudo pela absorção do custo da processadora do cartão de crédito, incorporada da Banrisul Serviços; e despesas com serviços de terceiros, especialmente vigilância e custos de adequação legal para implantação de sistema público de escrituração digital,



contabilidade internacional e de programa de redução de despesas. Aumentos em processamento de dados e telecomunicações justificam a elevação no trimestre.

No slide 29 mostramos o índice de eficiência apresentando uma redução de 1,43% na comparação com março do ano passado, redução essa relacionada ao crescimento das receitas de crédito e de títulos que compensaram elevação de despesas financeiras e administrativas. Na comparação trimestral, a melhora do índice reflete a capacidade da margem financeira de absorver despesas administrativas, apesar do menor dinamismo da receita de crédito e títulos.

O Índice de Basiléia atingiu 19,1%, conforme o slide 30, em março desse ano, estando 8,1 p.p. acima do exigido pelo Banco Central. Esse índice foi influenciado pela redução no fator de ponderação de risco aplicável aos créditos tributários decorrentes de diferenças tributárias, de 300% para 100%, e pelo incremento no patrimônio de referência em consequência do novo tratamento à provisão adicional para operações de crédito.

No slide 31, apresentamos os dividendos e juros sobre o capital próprio pago. O Banco mantém a política de pagamento trimestral de juros sobre capital próprio adotada desde março do ano passado, e neste período foram pagos R\$47 milhões a título de juros sobre capital próprio e aprovado o pagamento de R\$38,5 milhões como dividendos do exercício de 2008. A distribuição de dividendos totais para o exercício de 2009 será de 40% do lucro líquido ajustado.

Nos demais slides, 32 a 41, nós apresentamos, entre outros, o custo operacional, a quantidade de clientes, o Banricompras, rede de agências, base acionária, etc., além das perspectivas revistas para 2009. Esses dados são todos para as suas análises. Mas para permitir, para avançarmos na discussão e na qualidade da interação com os analistas, eu vou passar a palavra agora ao Diretor Hingel, vou devolver para ele, para que ele faça um breve comentário antes que nós nos coloquemos à disposição para perguntas e respostas que vocês tenham. Por favor, Sr. Hingel.

**Ricardo Hingel:**

Obrigado, Alexandre. Bem, é importante destacarmos um pouco o que muda em termos de desempenho do Banco, o que muda em relação ao cenário e relativamente ao que ocorreu ao longo de 2008 e especialmente no último trimestre de 2008.

Como é de conhecimento de todos, há uma rápida deterioração da atividade econômica no mundo e no Brasil, e isso está muito bem refletido então no desempenho do PIB brasileiro no último trimestre do ano passado. Tendência e situação que se manteve ao longo do 1T09, ou seja, as condições da economia brasileira efetivamente deterioraram, essa deterioração deve permanecer ao longo do 2T do ano e conforme a gente vem avaliando em termos de cenário, a nossa expectativa é que o 2S do ano seja um pouco melhor que o 1S desse ano na medida em que a economia retome efetivamente uma condição um pouco mais favorável, de forma a ter o ano que vem um crescimento na ordem de 3%.

Para que o ano que vem haja um crescimento na economia em torno de 3%, nós entendemos que deva haver já um início de um processo de recuperação no 3T e no 4T, especialmente no 4T do ano. Mas o importante é que nós estamos nos deparando, olhando para trás, exatamente em os bancos em geral atuando em um cenário econômico desfavorável onde então a questão do crédito, a qualidade do crédito passa a ser uma ameaça. Ou seja, o crédito responde necessariamente, ou seja, as condições de crédito respondem necessariamente à condição e ao desempenho da economia, a economia desacelerando fortemente como ocorreu no final do ano passado, e mesmo permanecendo essa tendência no 1T, necessariamente deve impactar nos negócios dos bancos.

Os negócios dos bancos, principalmente nós devemos destacar onde toca, é a questão da velocidade de expansão das carteiras de crédito, onde houve então uma forte desaceleração e evidentemente também o aumento do fator de risco na economia traz junto então um aumento na inadimplência, ou um risco maior na qualidade dos ativos de crédito dos bancos.

Isso se verificou nos bancos em geral e se verifica evidentemente no caso do Banrisul, já que nenhum banco nós entendemos fica alheio, fica isento de reflexos decorrentes da atividade econômica desfavorável como nós estamos passando ou passamos os dois últimos trimestres do ano.

Então, o que efetivamente se verificou no caso do Banco, nós conseguimos um movimento que nós já vínhamos comentando no mercado, um movimento primeiro de recuperação de margens a partir de setembro do ano passado, então isso nós conseguimos obter uma melhoria na margem financeira do Banco, na melhoria dos spreads do Banco, a partir da reprecificação das operações de crédito e a partir do ato contínuo também então com a renovação do estoque de crédito do Banco. Então o Banco veio, desde setembro do ano passado, renovando a sua carteira de crédito com taxas superiores às operações que venceram, então esse movimento positivo nós conseguimos obter.

Nós entendemos também que a redução da taxa Selic, nós não devemos acompanhar a redução de taxas no Banco, a redução de spread em função da redução da Selic, exatamente porque nós devemos continuar preocupados com o spread de risco, ou seja, a precificação das operações de crédito do Banco leva em conta o risco de uma atividade econômica desfavorável como nós enfrentamos nos dois últimos trimestres, então o Banco vem mantendo as taxas brutas e os spreads em níveis elevados. Então, se compararmos setembro do ano passado, os spreads praticados e os spreads praticados até março e até mesmo abril, a tendência de abril e a tendência para esse próximo trimestre é muito nessa linha de recomposição de margem.

Então, o positivo no Banco é a recomposição de margem, e o negativo é a necessidade de um aumento de provisões, o mercado conhece bem o posicionamento estratégico do Banco, que é de ser extremamente conservador no seu nível de provisionamento, e o Banco não abandona essa política. Se o nível de provisionamento que vínhamos praticando quando o cenário era mais favorável era elevado, não vai ser em um cenário menos favorável que o Banco vai mudar a política de conservadorismo nos seus provisionamentos.

Eu gostaria só de fazer essas considerações iniciais e agora nós estamos à disposição para eventuais perguntas de quem está participando do nosso *call* tenha a fazer. Obrigado por enquanto.

**Guilherme Rocha, Credit Suisse:**

Boa tarde a todos. Eu tenho uma pergunta relacionada à inadimplência. Muitos dos outros bancos nos *calls* estavam esperando um aumento desse índice de inadimplência, no mínimo para os próximos dois trimestres. Gostaria de saber a visão de vocês com relação a isso.

Uma segunda pergunta é: quais são as premissas macro que embasam essa revisão de *guidance* de vocês? Obrigado.

**Ricardo Hingel:**

Nós entendemos que este trimestre foi o pior período. Entendemos que no próximo trimestre deve recuar um pouco a questão da inadimplência, muito embora, até em questão da análise macroeconômica que fazemos, não entendemos que a inadimplência deva tão cedo retornar aos índices de 3,5%. Isso é muito importante, porque aquele índice de 3,5% respondia a um momento em que a economia brasileira cresceu em torno de 5%. Na medida em que a economia brasileira desacelera, o nível de atividade desacelera, as vendas das empresas desaceleram, há uma redução de renda na população.

Então, nós entendemos que este cenário não permite, pelo menos ao longo de 2009, que retornemos aos 3,5%, muito embora as políticas e as estratégias do Banco de controle da inadimplência; na operação do dia-a-dia existam mecanismos e instrumentos que estão sendo trabalhados na medida de conter o aumento de inadimplência.

Mas, de novo, aquela inadimplência de 3,5% era um momento bem melhor na economia que permitia que se operasse naquele nível de 3,5%. Nós entendemos que o pior foi esse 1T; as sinalizações que nós temos são já de um recuo nesse nível de inadimplência. Inclusive, algumas análises, alguns questionamentos já vão sendo feitos; perguntam se eu posso multiplicar a inadimplência do 1T por quatro e nós estamos respondendo que não. As sinalizações que nós temos, já de abril, são de que já há uma estabilização e uma redução disso.

**Guilherme Rocha:**

Acho que uma parte da pergunta que faltou é quanto vocês estão enxergando das premissas macro para o *guidance*? Por exemplo, PIB, desemprego, esse tipo de dados, só para entendermos o que vocês tinham antes e o que tem hoje no *guidance* de vocês.



**Ricardo Hingel:**

Em relação a PIB, o nosso *range* de crescimento da economia brasileira é entre 0% e 0,5%. Nós não chegamos a trabalhar com taxa, mas estamos praticamente acompanhando o mercado. Embora o Focus taxas negativas, entendemos que ainda há condições de uma recuperação; alguma coisa em torno de 0%, mas nunca acima de 0,5%.

Toda a questão que se avalia na questão macro, a questão de crescimento do País, muito atento à evolução da resolução do problema norte-americano, que é onde toda a crise começou. Nós ainda não temos segurança, até porque é a questão norte-americana, principalmente a resolução do problema do setor financeiro norte-americano, porque todos os indicadores nos Estados Unidos ainda são muito negativos.

Nós entendemos que a simples resolução do problema do sistema financeiro não é suficiente, porque o índice de confiança está muito baixo, a população continua bastante pessimista em relação ao que vem ocorrendo e ao que vai ocorrer nos próximos meses nos Estados Unidos; nunca a economia americana esteve com um índice de poupança tão baixo. Ou seja, mesmo as famílias que estão empregadas, ao invés de consumir, em função do risco de desemprego, elas tendem a poupar mais. Ou seja, o nível de poupança está extremamente elevado.

O índice de poupança elevado acaba retardando o processo de recuperação na economia norte-americana, e isso traz um fator negativo em termos de contribuição do setor externo à retomada e/ou à evolução do nosso PIB. Por isso que se me perguntarem entre 0% e 0,5%, ainda estou mais para o 0% que para o 0,5% que eu comentei em termos de *range* das nossas projeções.

O que mais?

**Guilherme Rocha:**

Era índice de desemprego, mas acho que está OK.

**Ricardo Hingel:**

E a questão de renda toda é uma preocupação que estamos tendo. Por isso que toca tanto no nível das despesas quanto no nível das pessoas físicas. Inclusive, em termos de *guidance*, nós recuamos em relação ao *guidance* de três meses atrás. Nós achamos ainda que a carteira de crédito do Banco tende a crescer, o *range* que estamos dando hoje no crédito total é uma evolução entre 16% e 20%, contra 21% e 25%, que era a nossa expectativa anterior.

A nossa previsão é um pouco acima do mercado porque no 1T nós crescemos um pouco acima de alguns dos principais bancos que vêm trabalhando no limite entre 12% e 15%. Então, nós achamos que 16% a 20%, 20% é o extrato superior, mas nós entendemos que, no mínimo, 16% de crescimento da carteira, temos condições.

De novo, nós baixamos praticamente 5 p.p. em relação a três meses, exatamente pelo agravamento da desaceleração da atividade econômica. Olhando unicamente Focus, se olharmos os números do Focus, o que ocorreu no Focus de janeiro para cá, verificamos uma muito rápida deterioração das expectativas do mercado, efetivamente porque se compreendeu melhor o tamanho da crise internacional e exatamente os impactos na atividade local, especialmente os números de indústria, que são bastante negativos, tanto no 4T08 quanto no 1T09.

Então, de novo, indústria é um fator antecedente importante para nós, e isso fez com que este conjunto de fatores macroeconômicos nos trouxesse uma revisão negativa em relação à evolução da carteira de crédito, muito embora acreditemos na manutenção ainda assim das margens financeiras; acho que o spread continua resistindo à redução, embora alguns bancos, especialmente os bancos oficiais, estejam pressionando, tentando trabalhar com taxas um pouco mais baixas que a média do mercado, mas no restante do mercado, que trabalha com a lógica mais de mercado, as alterações nas margens e nas taxas de juros praticadas são muito pequenas, são na margem.

Com relação também a um *guidance* de ROE, nós também revisamos, então na medida em que cresce menos a carteira, tende necessariamente a se fazer uma redução no *guidance* de ROE. Então, no *guidance* de ROE nós estamos trabalhando entre 17% e 18%, contra 21% e 22% que fizemos três meses atrás.

**Guilherme Rocha:**

OK. Obrigado.

**Eduardo Nichio, UBS Pactual:**

Boa tarde. Eu tenho duas perguntas aqui, a primeira é em relação ao número de clientes. Já faz algum tempo que vocês estão de lado. Eu queria saber qual é a estratégia da Empresa para aumentar esse número de clientes.

**Ricardo Hingel:**

A questão do número de clientes, o Morlin, nosso contador, está alertando, houve uma revisão do cadastro, uma limpeza do cadastro de forma a excluir da base de clientes, clientes inativos já há algum tempo. Na realidade, isso não é uma perda de mercado, é uma redução da base considerada de clientes.

Porque quando nós trabalhamos nesse número próximo de 3 milhões, não necessariamente diariamente se faz negócios com esses 3 milhões de clientes. Então, se expurgou da base de clientes alguma coisa em torno de 100.000, não tenho o número exato aqui, exatamente clientes que estavam inoperantes ou inativos, que não estavam gerando negócios para o Banco, e que na prática estavam inflando a base.

Com relação à expansão, de novo, nós normalmente chamamos a atenção para o seguinte: nós temos uma base de clientes, e volto a essa base de clientes, onde o potencial de ampliação de negócios é muito grande. O sistema de *credit score* que o

Banco tem há aproximadamente dois anos favorece para que se amplie o volume de negócios com esses clientes.

De novo, um exemplo que é muito interessante é que cliente com cheque especial no Banco tem uma base 1,1 milhão, e a base de cartão de crédito do Banco é em torno de 250.000, e boa parte desses clientes tem cartões de crédito com outros bancos, tem outros negócios com outros bancos. Então, nós temos que maximizar, antes de qualquer coisa, o cliente que já está em casa; é mais barato trabalhar o cliente que já está em casa que o cliente que eu tenho que buscar lá fora. Ele leva tempo e é caro de se obter.

A outra forma que nós temos de buscar ampliar essa base de clientes é através também das estratégias de compra de crédito consignado, onde nós temos dois bancos, e temos mais três que ao longo dos próximos 15, 20 dias já vão passar também a fazer negócios. Ou seja, ao invés de eu colocar uma agência fora do Estado eu compro operações, eu atinjo clientes em outros estados através desses outros três bancos e do conjunto de cinco que farão parte da minha operação com crédito consignado.

Se eu fosse, por exemplo, tentar ampliar crédito consignado no Estado do Rio Grande do Sul apenas, não usando esse tipo de estratégia, minha carteira ia praticamente estabilizar. Na medida em que eu tenho um caixa extremamente elevado, o Banco hoje tem mais de R\$9 bilhões de caixa livre, e eu tenho essa oportunidade de rentabilizar caixa com operações de risco zero, no caso do crédito consignado através desses outros cinco bancos com quem nós temos tratativas; alguns já negócios, outros em que já estão praticamente fechadas as tratativas.

Então, nós ampliamos desta forma, e eu acho uma forma bastante barata, racional e sem risco, a base de clientes do Banco. Isso vai se incorporar, e na sequência podemos tentar fazer um outro tipo de operação com esses clientes que se incorporam à carteira do Banco.

**Eduardo Nichio:**

Perfeito. Minha outra pergunta, não sei se eu entendi bem o índice de inadimplência, vocês tinham falado que viam o 1T09 como um pico em termos de inadimplência. É isso mesmo? Vocês não vêem nenhuma subida nesse índice de 4%? Ou vocês vêem esse índice estável durante dois ou três trimestres? E relacionado a isso também, o uso do índice de cobertura, se vocês têm algum *guidance* de quantos por cento vocês poderiam usar ao longo de 2009, se pode cair para 200% o índice, ou se pode cair para baixo de 200%. Obrigado.

**Ricardo Hingel:**

Os números que estamos divulgando são os números de março, mas evidente que já temos os números de abril, o que nos permite, a partir de abril, fazer uma previsão – é uma previsão ainda – de que efetivamente o 2T deve operar com níveis inferiores de inadimplência, níveis de provisionamento menores que aqueles exigidos nesse período.

Eu vou pedir para que o Morlin, nosso contador, complemente.

**Luiz Carlos Morlin:**

Você falou com relação ao índice de cobertura, não é?

**Eduardo Nichio:**

Isso.

**Luiz Carlos Morlin:**

Nós temos 228%. Quando definimos, no início da mudança do critério de provisionamento pelo Conselho Monetário Nacional, o Banco adotou um sistema rígido em sua metodologia. Então, considera-se cadastro, considera-se balanço das empresas, considera-se N variáveis que dão uma pontuação razoavelmente baixa, tanto na operação como no cliente; a gente divide operação e cliente.

Quando você olha hoje que nós voltamos para 9% da carteira, ou seja, o Banco tem R\$1,08 bilhão, o total da provisão em relação à carteira voltou para 9%. No trimestre, nós provisionamos R\$150 milhões. Isso representa 1,2% da carteira; ou seja, a despesa com provisão é 1,2% da carteira. O mercado fez um pouco mais que isso. Então, nós não estamos fora do mercado, não há nada de anormal nesses R\$150 milhões. É que no passado era, sim, um pouco baixa.

Então, quando se compara, se leva no primeiro momento até um susto de que aumento nesse valor, de cerca de 200%, mas não está fora da realidade brasileira, da realidade do mercado nacional. Esses R\$150 milhões estão em linha com o mercado. E como o Diretor falou, nós entendemos que o pior já passou.

E com 227%, relativamente a todas as operações vencidas acima de 60 dias, todo o saldo nos conforta, porque ninguém tem no mercado este nível. Então, nós mantemos a política conservadora, tanto de provisão como de cobertura. Não temos mais provisão adicional, porque o Banco não tem problema de Basiléia e nós mantemos o maior volume dentro da provisão normal. Nós poderíamos segregar isso, fazer alguma mudança na sistemática e determinar daquele R\$1,1 bilhão que o Banco tem de provisão, R\$700 milhões seria a mínima, poderíamos, teríamos margem, e R\$300 milhões seria de adicional.

O Banco preferiu manter sua estrutura de provisão, não mexendo na essência e na fórmula que ele constituiu no passado.

**Eduardo Nichio:**

Perfeito. O meu ponto era até o contrário, porque se comparar com os outros bancos, esse índice de 230% é muito conservador. Então, não sei se você poderia usar um pouco desse índice de cobertura para, eu não sei, 200%, por exemplo, historicamente

vocês já tiveram 200% e eu acho que ainda continua ainda muito confortável com 200%, então era mais nesse sentido. Obrigado.

**Victor Hasegawa, Eagle Capital:**

Boa tarde a todos. Eu queria que vocês comentassem qual vai ser o impacto do setor agrícola devido a essa seca no Rio Grande do Sul, que vocês imaginam no PIB do estado e consequentemente no resultado do Banco.

**Ricardo Hingel:**

Primeiro, está muito recente ainda para avaliar eventualmente a questão da seca porque até um pouco mais de um mês atrás, as perspectivas para a produção agrícola do estado eram praticamente o mesmo volume em relação ao ano passado, alguma coisa em torno de 2 milhões de toneladas de grãos.

Então, essa seca ocorreu, eu não sou especialista no setor agrícola, mas ela ocorreu já no período de colheita. E a seca terminou, agora nesses últimos dias já houve uma normalização nessa questão. É muito recente ainda o impacto dessa seca para fins de projeção do PIB do estado, falta um pouco de elementos, na economia do estado ainda faltam elementos para melhor avaliar isso.

**Alexandre Ponzi:**

Victor, saiu uma nota preliminar com um estudo bastante preliminar da Fundação de Economia e Estatística, onde eles estimavam que se a seca continuasse, se o período de estiagem continuasse um pouco além, na metade dessa semana já choveu e choveu bastante forte aqui no estado e a perspectiva é que continue chovendo, se continuasse um pouco além, haveria uma provável redução ao longo do ano, dadas as condições, entre 0,3% e 0,6% no PIB, isso direto, onde eles estimam que a agricultura tenha em torno de 10%.

O efeito indicador onde eles colocavam isso indiretamente é em torno de 2,1x, ou seja, mantida a estiagem, não vamos chamar de estiagem, mantida a falta de chuva até o começo dessa semana, eventualmente o PIB do estado cairia na pior das hipóteses 0,6%. Ainda é muito pequeno.

**Victor Hasegawa:**

OK.

**Ricardo Hingel:**

É, essa seca que teve, é uma seca, mas é uma seca não tão prolongada e não é comparável ao que nós tivemos aqui em 2005. E de novo, com relação à nossa carteira, o crédito rural é alguma coisa em torno de 6% a 7%, não é significativo para fins da carteira. Sempre nos preocupa mais, nesse sentido, mais do que a participação do crédito rural na nossa carteira, exatamente esses efeitos indiretos que o Alexandre falou do PIB. Afeta a parte agrícola, mas que o PIB agrícola acaba empurrando.



**Victor Hasegawa:**

Está OK. Obrigado.

**Ricardo Hingel:**

Mas a economia do estado esse ano deve também acompanhar a economia brasileira e crescer muito perto do 0%.

**Victor Hasegawa:**

OK. Obrigado.

**Rodrigo Andrade, DLH Capital:**

Boa tarde. Vocês poderiam me explicar um pouco qual é o detalhe do índice de inadimplência dos diversos segmentos dos vossos empréstimos?

**Ricardo Hingel:**

Rodrigo, eu vou te antecipar já uma questão, nós fizemos uma boa análise, linha por linha, aliás, tipo de cliente por tipo de cliente, pessoa física e pessoa jurídica, então na jurídica, grandes empresas, médias empresas, pequenas empresas, na pessoa física também, e fizemos também a análise por produto.

Então fizemos por tipo de empresa, por tipo de cliente e por tipo de produto. O que nós verificamos é que é bastante pulverizado, é muito linear a inadimplência, nós não temos uma inadimplência concentrada em nenhum setor, em nenhum tipo de produto, em nenhum tipo de empresa, em nenhum tipo de cliente. O que eu quero dizer com isso é que a inadimplência do Banco, na medida em que ela é bastante pulverizada é de que ela efetivamente responde à questão da atividade econômica, essa deterioração da atividade econômica.

Se eu tivesse uma inadimplência mais localizada, eu não poderia colar na atividade econômica. Como ela é tanto então por tipo de cliente quanto por tipo de produto, se verificou esse aumento de inadimplência, que chegou dos 3,5% aos 4%, então realmente a tranquilidade, e eu posso falar em tranquilidade quando falamos de inadimplência que temos, é que realmente há coerência na inadimplência do Banco com o desempenho da economia brasileira e do estado.

Então não há um erro estratégico, não há nada. Há exatamente o risco do negócio bancário que tende na medida em que a economia vai, ou seja, o que eu comentei anteriormente, ao próprio risco de uma economia crescendo a 5% e que nós tínhamos aquela inadimplência de 3,5%. A economia crescendo menos, de forma disseminada tende a aumentar a inadimplência. Eu até brinco aqui que quando a economia estava crescendo a 3,5% até o cliente ruim pagava em dia, hoje não. Então, há essa questão.

**Rodrigo Andrade:**

Se eu posso então perguntar se os seus *right offs* foram 35 pontos básicos no trimestre, foram até abaixo do último trimestre que foram 49 básicos. Não estou vendo, como é que você está vendo o desenvolvimento dos *right offs* e comparados com o desenvolvimento da inadimplência, e por que tanta provisão se não há um deterior dos *right offs*?

**Ricardo Hingel:**

Eu vou complementar aqui e pedir para o colega lhe dar mais um detalhe aqui. O mês a mês é importante, por exemplo, na pessoa jurídica, a inadimplência em janeiro, em dezembro ela saiu de 2,88% foi a 3,12%, 3,40% e 3,65% em março. Na pessoa física, também mesma velocidade de evolução, 3,8% em dezembro, 3,97% em janeiro, 4,28% e até 4,47% em março.

Então, quer dizer, está bem claro que eram os dois, e se eu quebrar, por exemplo, na pessoa jurídica, por tipo de cliente, pequeno, médio e grande, também ia estar bem equilibrado, e se for por tipo de produto, também há igual equilíbrio.

Um simples exemplo, na pessoa jurídica, por que pode aumentar a inadimplência na pessoa jurídica mesmo naquelas operações melhores, com recebíveis que nós chamamos? Quer dizer, se nós pegamos uma garantia, um recebível em garantia e a empresa na outra ponta deixa de pagar esse recebível, a minha garantia diminui. Então, o que é isso? É todo o giro da roda da economia, que fica e ela está prejudicada por isso, e é lógica a questão da inadimplência de forma generalizada e não de forma pontual.

Eu vou pedir para que o colega aqui complemente, o Morlin que é o nosso contador aqui para que ele complemente mais a sua pergunta.

**Luiz Carlos Morlin:**

A questão dos *right offs* da carteira, ela acontece um pouco diferente da velocidade do provisionamento. Por quê? Porque o *right off* da carteira acontece em um período bem subsequente, ou seja, seis meses depois que o cliente já chegou ao nível H, então isso acontece em torno de um ano, um ano e meio depois da primeira inadimplência do cliente.

O que se faz no provisionamento? Se faz um provisionamento, uma queda de letra a letra, conforme o cliente vai aumentando o prazo de inadimplemento junto ao Banco e por isso se faz um provisionamento maior em um período inicial onde o cliente apresenta a inadimplência.

Depois, o Banco trabalhando junto a esses clientes e trazendo esses clientes para a normalidade de novo, ele pode não cair em *right off* e nós podemos com isso diminuir o volume de provisionamento conforme vai se estabilizando a economia.

Então, esse *right off* que acontece agora não é de clientes que inadimpliram agora, são de clientes que inadimpliram há um ano, em outro cenário da economia e a recente piora do cenário econômico e da atividade econômica reflete dentro do volume de provisionamento que faz com que a nossa produção suba de um índice de 8% da carteira para 9% da carteira comparando-se em dados efetivos atuais.

Então, esse descompasso que há entre o *right off* e o inadimplemento gera essa necessidade de provisionamento e esse aumento percentual da provisão sobre a carteira de crédito.

**Rodrigo Andrade:**

Obrigado.

**Operadora:**

Encerramos nesse momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Ricardo Hingel para as considerações finais.

**Ricardo Hingel:**

Muito obrigado a todos. Eu só queria complementar dizendo que qualquer informação adicional que sejam encaminhadas, seja por e-mail, nós vamos responder, ou eventualmente um *conference call* pode ser solicitada, nós estamos à disposição. O Banco vai nos próximos meses participar de APIMECs, nós vamos fazer alguns *non-deal road shows* também no Brasil e no exterior, de forma a continuar aproximando o Banco do mercado e tentar da forma mais transparente possível mostrar a evolução do Banco, os números e as perspectivas.

Muito obrigado a todos e até a próxima conferência.

**Operadora:**

A teleconferência do Banrisul está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e tenham uma boa tarde.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o *website* de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”